

Prólogo

O que você precisa saber sobre mim é que sou filha de George Corrigan, sua filha única. Caso o conheça, pule esta parte. Caso contrário, farei o possível para descrevê-lo, mas realmente você deveria tentar conhecê-lo.

Meu pai é católico. Essa é a primeira coisa que ele gostaria que você soubesse. Vai à igreja várias vezes por semana e a chama de “Casa de Deus”. Fala dela de forma leal e familiar, como os irlandeses falam do bar da esquina. É o lugar dele. Quando tinha setenta anos, tornou-se pastor eucarístico e agora ajuda o padre Rich a distribuir a hóstia alguns dias na semana. Às vezes, uma paroquiana chamada Lynn timer dirige um olhar cheio de paz e, ao me falar sobre isso, meu pai se emociona.

Você também precisa saber sobre *lacrosse*, um tipo de jogo de bola. Meu pai está no Salão da Fama do esporte, em parte porque, em 1953 e 1954, ele foi eleito um dos melhores jogadores do país, mas em grande parte porque agora, na aposentadoria, ele marcha para cima e para baixo no campo de minha antiga escola, Radnor, lado a lado com um cara uns trinta anos mais jovem, treinando garotos que desejam se tornar craques nesse jogo. Assisti a centenas de partidas ao seu lado; meus dois irmãos jogaram por muito tempo. Por não ser atleta, acho engraçado ver o quanto ele gosta desse jogo. Ele se lembra de cada lance e consegue falar sobre uma única partida por horas a fio. As palavras não significam muito para mim, mas a emoção não precisa de tradução.

E ele é um Corrigan. Um dos seis filhos barulhentos e divertidos que escaparam de uma casinha na rua Clearspring, em Baltimore, em um bairro de trabalhadores. Todos atletas, exceto Peggy, que era linda, e Mary, a engraçada. Os outros, quatro meninos, jogavam hóquei no gelo, no inverno, e *lacrosse* na primavera. A casa tinha três quartos — um para os pais, um para as meninas e um para os meninos. Havia um único banheiro onde todos tomavam banho, uma vez, quem sabe duas, por semana, em uma velha banheira com água morna. Meu tio Gene, que fez do atletismo universitário uma carreira, frequentemente brinca dizendo que as verdadeiras atrações dos esportes eram os banhos quentes e os uniformes novos a cada temporada.

E acho que ajuda saber que meu pai era vendedor. Por cinquenta anos, vendeu espaço para anúncios em uma revista feminina, antes do surgimento dos programas de treinamento

de vendas, das planilhas de Excel e dos celulares. Ele simplesmente se acomodava no banco da frente de seu Buick, com uma caneca de café descafeinado na mão, um mapa no banco do carona e uma lista de clientes na cabeça. Mantinha uma caixa de revistas recentes na mala, e estava sempre pronto para transformar um conhecido em novo cliente. Ligava de telefones públicos para o escritório ao longo da rodovia I-95 para dizer à secretária, a quase biônica Jenny Austin, quantas páginas a Noxzema contratara, ou para pedir-lhe que enviasse ao pessoal da Folger uma prova da próxima edição da revista, ou ainda para saber se o cara dos tapetes Stainmaster já retornara a ligação. As pessoas o adoravam.

No final da carreira, trocou de emprego e teve um novo chefe, um doutor bem-instruído que preferia e-mails e bancos de dados. Meu pai não sabia digitar. Não aparecia nas reuniões semanais. Não saberia dizer o endereço de seu amigo na *Cover Girl*, nem como soletrar seu sobrenome corretamente. Mas, em certos meses, ele vendia um quarto das páginas de anúncios da edição, então, quem poderia reclamar? Apesar de seu faturamento, ele frustrou esse chefe todos os dias durante cinco anos, até que finalmente, aos sessenta e nove, se aposentou, escrevendo “Adeus, rapaziada!” na tela empoeirada de seu computador.

Portanto, existem poucas pessoas por aí que não gostam de George Corrigan. Aquele chefe é uma delas. Acredito que outra seja Bill, o vizinho. Bill grita com os filhos, repreende-os severamente. Nos fins de semana, nas férias, nos dias de neve, não importa quando. Acredito que meu pai considera isso imperdoável. Ou talvez Bill não ache meu pai divertido. Deve considerá-lo um palhaço, por causa das gargalhadas que atravessam o seu quintal no verão quando estamos no terraço tomando uma cerveja.

Mas o vizinho e o último chefe são de fato as únicas pessoas de quem consigo me lembrar que não gostam de meu pai. Assim, por trinta e tantos anos, fui parada no posto de gasolina, na feira e no clube de natação para ouvir algo como: “Você é filha de George Corrigan? Que sujeito sensacional.”

Acredito que as pessoas gostem do meu pai porque ele é cheio de vida. É certo que ele está sempre disposto a ficar bem impressionado — com o seu bom humor, sua experiência de vida, seu sorriso largo e até mesmo seu aperto de mão —, qualquer coisa que você faça o empolgará. Algo o fará abanar a cabeça mais tarde, em descrença, e me

dizer: “Benzinho, que sujeito!” ou “Benzinho, ela não é demais?” As pessoas vão embora nas alturas, mesmo que suspeitem de que foi ele quem as pôs lá.

Ele também faz isso comigo. Faz com que eu me sinta esperta, engraçada e linda, o que se tornou uma tarefa árdua para os poucos homens que me amaram desde então. Uma vez ele me disse que eu era muito tagarela. E sou mesmo. Sou sociável, além de *criativa*, uma noção que ele enfiou em minha cabeça quando eu estava no primário e fazia colagens imensas e intrincadas com as suas revistas antigas. Ele foi o primeiro a me definir, como fazem os pais. As primeiras características podem se tornar a autoimagem difusa que abraçamos, ou a percepção limitadora e sufocante contra a qual lutamos uma vida inteira. Em meu caso, ele me vê como eu gostaria de ser vista. Na verdade, sequer tenho certeza do que é verdadeiro a meu respeito, uma vez que sempre escolhi acreditar na versão dele.

Eu poderia ter tomado qualquer desses caminhos. Como disse, nunca fui uma atleta, tendo sido apenas uma aluna mediana. Era uma festeira que fumava cigarros, uma garota vaidosa que ficava horas na frente do espelho, ajeitando o cabelo antes das festas. Mais de uma vez, roubei batom ou sombra da farmácia. Usei o caríssimo laquê perfumado de minha mãe sem permissão e isso teve consequências assombrosas. Fui suspensa da escola por uma semana porque estava bêbada em uma festa semiformal. Rolei escada abaixo, com cravo branco nos cabelos e a meia-calça nova, em tom de pele bronzeada, rasgada atrás. Um desastre em poliéster branco.

Meu pai foi me pegar. Se bem me lembro, estava calmo. Teria sido ridículo se ele dissesse algo como “Estou muito decepcionado”. Não estava decepcionado, nem mesmo surpreso. Esse tipo de coisa acontece frequentemente com os adolescentes.

Minha mãe, por outro lado, ficou furiosa. Ela foi criada em um lar alemão rigoroso, onde comportamentos desse tipo mereceriam um mês, até dois, de castigo, trancada no porão. Ela se empenhou bastante para que eu não fosse o tipo de garota que fizesse uma coisa dessas. Lembro de ter ouvido meus pais discutirem na manhã seguinte à festa.

— Não pode proibi-la de sair por um mês, Mary. Ela vai ficar constrangida na escola, não é preciso castigá-la.

— Você só pode estar brincando. Está dizendo que não tem problema nossa filha de quinze anos ficar bêbada em um evento escolar?

— Mary, por favor... — disse ele rindo — Você acha mesmo que ela foi a única a tomar umas cervejas antes da festa?

— Claro que não. Tenho certeza de que noventa por cento deles tomaram alguma coisa antes da festa, mas Kelly *rolou escada abaixo*, George. Ela não tomou apenas *umas cervejas*. Ela estava *bêbada*. — Aí, ouvi meu pai dizer: “ela está bem, é uma garota normal.” E minha mãe retrucou: “ela é rebelde e está ficando mais rebelde.”

A verdade era que eu era rebelde, mas estava a caminho de ficar sensata.

Uns vinte anos mais tarde, ao ficar sensata, liguei para meus pais da maternidade e gritei o seguinte:

— Mãe, pai, é uma menina. Pai, vamos dar seu nome a ela. Vai se chamar Georgia.

Quase exatamente três anos depois disso, liguei para casa para dizer a meus pais que estava com câncer.

E é disso que este livro trata. Ligar para casa. Por instinto. Todos os documentos — certidão de casamento, um documento reconhecido em cartório, duas certidões de nascimento e sete anos de imposto de renda — indicam claramente que você é um adulto, mas mesmo assim, você está lá, segurando o telefone e agradecendo a Deus por ainda ser a filha de alguém.

PARTE 1

Uma vez, George Orwell disse que a infância necessariamente cria um mapa falso do mundo, mas é o único mapa que temos, e não importa qual seja sua idade, ao primeiro sinal de problema, saímos correndo para aqueles países fabulosos.

É assim no meu caso.

Capítulo Um

*Segunda-feira,
2 de agosto de 2004*

Agosto é um mês horrível para nascer.

Gostaria de ser a pessoa autorrealizada que não precisa mais, ou mesmo não deseja mais, que seu aniversário seja lembrado. Luto contra a ânsia de planejar alguma coisa. “*É tão egoísta*”, digo a mim mesma. Mas este em particular — trinta e sete —, parece ser o mais mundano, o aniversário mais sem inspiração até hoje, e não sei se consigo deixá-lo para lá.

Para: As mulheres

Assunto: Almoço

Data: Segunda-feira, 2 de agosto de 2004

Tenho certeza de que vocês já sabem de cor e salteado que, meu aniversário é dia 16 de agosto. O meu, o de Georgia, o de Madonna e o de Menachem Begin. Mas este ano só quero celebrar o meu. Gostaria de convidá-la para um almoço em São Francisco. Talvez em algum lugar com terraço que sirva um coquetel gelado no meio do dia. Avise-me se puder dar uma escapadinha no sábado, 21 de agosto, e lhe direi qual o lugar.

Beijos, Kel.

P.S. Quem levar presente será apedrejado até a morte.

Muito bem, penso, percebendo que minha necessidade infantil de aniversariar venceu novamente, “*tentei*”. Clico em enviar e começo minha rotina: visto a mesma calça de ioga que usei ontem (na verdade, não faço ioga), combino com uma camiseta verde nova da Costco, esquento um *waffle* congelado para Claire, passo requeijão no pão para Georgia, coloco água no suco, ponho as meninas nas cadeirinhas do carro, levo-as para a creche, volto para casa para resolver as coisas (colocar a louça nas prateleiras, as latas para reciclar, as meias na cesta de roupa suja, os sapatos no armário, e empilhar contas). Às 11h30,

depois de passar a manhã inteira fazendo uma porção de tarefas de cinco minutos, é hora de ir buscá-las e iniciar a rotina da tarde, tão enfadonha e repetitiva quanto a da manhã, motivo pelo qual vou poupá-los dos detalhes.

Edward, meu marido há quatro anos e pai das meninas, está na Filadélfia a trabalho. Em geral, é ele quem dá banho nelas; essa é a hora em que ficam juntos ao final de cada dia. Pelo que costumo ouvir, em geral começa bem, mas rapidamente se torna irritante e depois, na hora de dormir, volta a ser prazeroso. O fato de que ele coloca as meninas para dormir “após um dia duro de trabalho” faz minha mãe adorá-lo. Como, aliás, deveria. Ele é completo.

Nessa noite específica, depois de lavar as migalhas do frango empanado dos pratos delas e negociar com sucesso uma permuta de dez feijões verdes por lascas de chocolate, eu as levo para o banheiro. Georgia gosta de lavar meu cabelo. Gosta de ser a mãe. Adoraria lavar o cabelo da irmãzinha também, mas Claire não deixa. Quando Edward está viajando, muitas vezes penso que me deixei ser levada a entrar na banheira só para elas derramarem bastante xampu em meu espesso cabelo castanho. Esta noite seria uma noite dessas, só que quando esbarro em um de meus seios, ao tirar sabão dos olhos, sinto algo duro, logo ali, por baixo da pele. Toco o caroço uma vez, aperto-o levemente com a palma da mão e depois de um instante de pânico me concentro no banho das meninas.

Minhas filhas são boas — uma gordinha, outra magrinha, ambas engraçadas. Claire tem um ano e meio, e Georgia fará três anos na semana que vem. Parecem mais velhas, mas por motivos diferentes. Georgia sempre me confunde com perguntas como “*Destruido* significa *arruinado*?” e “O que quer dizer *linguagem*?” Claire está no limite máximo para alguém de sua idade, em termos de altura, peso e tamanho da cabeça. Elas adoram Van Halen e Play-Doh e brigar por elásticos velhos e prendedores de cabelo que não param em seus cabelos. Sou louca por elas e espero que sejam irmãs mais velhas de mais crianças como elas.

Enquanto me seco, sei que preciso tocar nele novamente, só para ter certeza de que estou errada. Mas não estou. Começo portanto a me mexer em um ritmo alucinado, comandando as meninas daquela forma esquisita e tensa das mães de filmes quando acham que uma bomba explodirá no porão, bem embaixo do lugar em que os filhos estão brincando alegremente com seus blocos de Lego.

— Georgia, querida, quero que vista o pijama agora e suba. Claire, pegue esse roupão e traga imediatamente para mim. Vamos lá, amor. Agora mesmo.

Enquanto lhes dou as instruções, ligo para a casa de minha ginecologista-obstetra. A dra. Birenbaum também é a minha amiga Emily e mora a dez minutos de minha casa. Ela atende, e ouço o bebê de dez meses balbuciando ao fundo. Diz que ficará feliz em nos receber e apalpar minha mama.

É tarde, está escuro lá fora. No curto trajeto até a casa de Emily, ouvimos o CD *American Idol* que a amiga de Georgia deixou no carro. As meninas estão excitadas por passarem de pijama em vez de irem para a cama. Digo-lhes que vamos a uma festa na casa de Emily.

— Mamãe? Mamãe? Vamos na casa da Emily? Na festa de dança, Claire não pode dançar em cima da mesa para não levar um tombo e precisar ser engessada, não é, mamãe? — pergunta Georgia. Recentemente, assustei Georgia com uma história sobre um menino que quebrou a perna ao pular da cama e ficou engessado seis semanas.

— Porque ela vai chorar e vai ter que ir para o hospital e tomar muita injeção. Não é, mamãe?

Fiz questão de enfatizar como hospitais são desagradáveis.

— Isso mesmo, querida. Médicos, hospitais, muitas injeções — me ouvi dizer.

Emily me examina no sofá. Brincamos com a ideia de o marido dela chegar em casa e me encontrar sem blusa no sofá e com os braços acima da cabeça. Digo que esperava que ele estivesse lá para fazermos uma trinca. Georgia e Claire estão incrivelmente fofas, perguntando se Emily vai apalpá-las também e, em seguida, tentam examinar os seios uma da outra. “Provavelmente é um cisto”, me assegura Emily. Deixo Berkeley vinte minutos mais tarde, aliviada por ouvir um médico. Emily marcará uma mamografia para mim nos próximos dias, só para ter certeza.

Volto para casa, levo as meninas para cama e espero Edward ligar. Ele trabalha para a TiVo e foi a Filadélfia negociar um contrato com a Comcast. Quando liga, me conta os pontos altos de seu dia — o contrato está encaminhado, falta apenas resolver uma questão, um dos caras é um idiota. Falamos que estamos cansados. Ele diz que sua garganta está irritada.

Então, em um tom cuidadosamente controlado, digo: — Sabe, hoje quando eu estava tomando banho com as meninas encontrei um caroço. — Enquanto falo, toco-o de novo e de novo, como fazemos com um dente mole ou uma ferida doída, a cada vez, nos surpreendendo toda vez por ele ainda estar lá. — É duro feito pedra. Está *bem lá*. Você não acreditaria.

Conto tudo que Emily me disse: é duro, e isso é ruim; mas é móvel, o que é bom; e que, nas mulheres mais jovens, os caroços tendem a ser cistos.

— OK, isso é bom. E você não tem histórico de câncer de mama na família, o que ajuda. E, felizmente, você pode fazer uma mamografia amanhã ou depois por garantia — diz ele, como é de seu feitio. Meu marido é um homem racional. Não se preocupa por antecipação. — Deve ser um cisto — acrescenta. Desligamos alguns minutos depois, ambos projetando otimismo.

Sozinha no quarto, no entanto, sinto uma ponta de inquietação. Mas a cubro com meu corpo para abafar seu som ensurdecido. Para adormecer, leio um longo artigo de uma *National Geographic* de dez anos atrás sobre o furacão Andrew, na Flórida. Na capa, vê-se um fuzileiro naval sujo, suado e queimado de sol, segurando um garotinho que acabara de perder a casa. O cara que escreveu o artigo diz que, nos últimos dez dias, o furacão se revelou, começando como simples nuvens esparsas, tornando-se depois uma tempestade tropical e, mais tarde, mostrando sua verdadeira face de um furacão incontrolável. Um jornalista local chamado Bryan Norcross permaneceu no ar durante vinte e duas horas consecutivas, “ajudando os ouvintes a suportarem as piores horas de suas vidas, dizendo-lhes como encontrar lugares seguros em casas que foram destruídas pelo furacão”. Geralmente, não aguento mais do que umas poucas páginas à noite, mas esta noite li o artigo até o fim. Tinha de seguir o arco do pânico ao trabalho e à renovação. Tinha de chegar ao fim, à parte em que a devastação dá lugar ao renascimento. Leio a mesma frase repetidas vezes, até estar pronta para desligar a luz: “Sete semanas após a tempestade, já existem sinais de recuperação. Muitas árvores estão cheias de brotos novos. A energia elétrica foi restaurada. Logo, logo voltara a ser um lugar extraordinário novamente.”